

no referido local, dentre os quais Augusto Falck que doou 12 hectares de terra para construir a igreja que inauguraram em 1905. Além da doação da terra, o referido irmão cedeu ainda, temporariamente, uma dependência de sua casa para o funcionamento da escola primária cujos professores eram Carl e Ida Lehmann.

Dentre os conversos de Campos dos Quevedos, Otília Köhler, Alfredo Taube, Oto Timm, Júlia Köhler e Germano Conrado se dedicaram à colportagem. Os três primeiros após algum tempo voltaram às atividades seculares. O penúltimo chegou a dirigir o Departamento de Colportagem por algum tempo mas, posteriormente, também dedicou-se a trabalhos fora da obra. O último, porém, no decorrer dos anos passou a dirigir o Departamento de Publicações, depois ingressou na obra bíblica sendo ordenado ao ministério. Além disto, a igreja em apreço tem mandado muitos alunos para nossos colégios dos quais queremos mencionar dois, dos filhos dos fundadores, pastores Artur e Waldemar Leitzke.³⁰

IGREJA E ESCOLA DE CANTAGALO

As famílias Hermann, Wolff e Marquart, imigrantes teutos, residentes em Cantagalo, Santo Antônio da Patrulha, RS, estavam desejosas de fundar uma escola cristã para educar as crianças, mas faltava professor. Cristovão Marquart mandou um dos filhos, Adolfo, estudar em nosso colégio de Taquari para ser o futuro mestre. Além disto, construiu em sua propriedade uma igreja cujo teto e paredes eram de tábuas que devia servir também para sala de aulas. Quando o jovem estava preparado, as aulas começaram. José Amador dos Reis, Henrique Marquart, pai do pastor Henrique Marquart, Guilhermina Marquart Wolff, mãe dos pastores Nelson e João Wolff, foram alunos da referida escola.³¹

IGREJA E ESCOLA DE TAQUARA

Em Taquara, o irmão Henrique Ritter, pai do pastor Germano Ritter, também doou um terreno para construir a igreja que foi inaugurada em 10.12.1911. Custou quatro contos de réis. Em 1908 já havia no local uma escola primária com 32 alunos. Depois de pronto, o templo também serviu como sala de aulas.

Dedicaram-se à obra, procedentes da escola paroquial de Taquara, as seguintes pessoas: Germano Ritter, Amélia Ritter dos Reis, esposa do pastor José Amador dos Reis, Ernesto Bergold, Adolfo Bergold, Alma Meier Bergold e Boni Renk.³²

PASSAGEM DO ADVENTISMO PARA OS BRASILEIROS

Até o presente, comentamos a pregação do adventismo no Brasil por obreiros alemães nas colônias teutas dos Estados de Minas Gerais e Espírito Santo até o Rio Grande do Sul, nas quais já estava radicado. Agora, com o "Arauto da Verdade" em português, impresso ainda em tipografias seculares, veremos como passaram a evangelizar os brasileiros de origem latina.

José Lourenço Mendes, comerciante e rizicultor em Campestre, Santo Antônio da Patrulha, Rio Grande do Sul, tinha 5 irmãs casadas: Maria José e Clara moravam na fazenda Nova, a seis quilômetros de distância, Ludovina e Sofia residiam em Rolante, no mesmo município e Isabel que, além de não aceitar o adventismo, mudou-se para longe. Certamente por influência dos pais, estes irmãos conheciam a Bíblia e a amavam. Era um terreno fértil à pregação do Evangelho mas ainda não conhecido.

Em Taquara, mais ou menos a uns 20 quilômetros de Campestre, os adventistas já se haviam estabelecido. Não

sabemos como se deu o primeiro contato deles com José Lourenço Mendes. Possivelmente por meio dos colportores ou de algum crente da cidade acima referida que se encontrou com o comerciante em sua própria casa comercial. O nome e o endereço do comerciante, porém, de um ou de outro jeito chegaram às mãos dos líderes da Obra.

Em 1904, o pastor Ernesto Schwantes foi a Campes- tre visitar José L. Mendes que aceitou prontamente a Mensagem Adventista. O comerciante, acompanhado pelo pastor, dirigiu-se à casa de Saturnino Rabello de Oliveira, casa- do com Maria José. Após a apresentação, o visitante pergun- tou à família: “Quantos mandamentos tem a Lei de Deus?” Ao que o pessoal respondeu: “A lei de Deus tem Dez Man- damentos os quais se resumem em dois”. O pastor confir- mou: “Certo”. Depois de visitar Clara, cujo esposo não acei- tou o evangelho, o pastor Schwantes voltou para a casa do comerciante que se tornou, como a de Germano Preuss em Taquari, um Centro Evangélico.

O COMERCIANTE PREGA AOS FREGUESES

José L. Mendes era um homem arguto, perscrutador e comunicativo. Impelido pela chama do Evangelho, pas- sou a pregar ardorosamente para seus fregueses convidan- do-os também às reuniões que o Pastor Schwantes dirigia numa dependência de sua casa. Muitos se interessaram en- tre os quais Maria Joana do Lago cujo esposo, João Ferrei- ra do Lago, vulgo João Bonito, foi carrasco de uma das fac- ções políticas que lutavam entre si no passado. Comenta- vam que após degolar os vencidos, adultos e crianças, ele lam- bia o sangue dos mesmos na lâmina da faca.



José Lourenço Mendes e esposa. a Conversão de J. L. Mendes em 1904 marcou o início da transição do Adventismo da colônia alemã para os brasileiros.

PUNHALADA NO PASTOR

Certa noite, Maria Joana do Lago convidou o esposo para acompanhá-la a uma reunião na casa do comerciante aci- ma mencionado, assentando-se juntos, nos primeiros luga- res da frente, ao lado do corredor. Um perigoso desordeiro

deixando os capangas controlar a entrada, foi à frente e desferiu uma punhalada no pastor Ernesto Schwantes que estava pregando o qual saiu com segurança fora da ponta da perigosa arma. Neste ínterim, o ex-carrasco deu um salto leonino, em rigorosa posição de ataque, com a faca não muito distante do ventre do perturbador da ordem. O arruaceiro dava um passo para trás e o ex-carrasco um para a frente tirando-o para fora com seus guarda-costas. O pregador continuou com o sermão.

PREGAÇÃO EM ROLANTE

Tão logo o adventismo penetrou em Campestre, Dalila Mendes de Souza e o esposo visitaram a prima e amiga Maria Emília dos Passos (também sobrinha de José L. Mendes) em Rolante para falar-lhe sobre a nova religião. Esta, por sua vez, foi a Campestre ouvir as Boas Novas e as aceitou. Ao regressar, apresentou um relatório a seus familiares. Como resultado, Adolfo Amador dos Reis, seu irmão carnal, também aceitou o evangelho tornando-se o líder espiritual de Rolante. Além deste, Rodrigo Amador dos Reis e Ludovina sua esposa, Bernardino Amador dos Reis e sua esposa Sofia, Irineu Amador dos Reis, etc. se interessaram no adventismo. A esta altura, o pastor Ernesto Schwantes tinha dois locais de trabalho exclusivamente com brasileiros. Em Campestre, José L. Mendes, duas irmãs com os familiares e os fregueses; em Rolante, as outras duas irmãs do comerciante com os esposos e os filhos.³³

OS ADVENTISTAS CHAMADOS DE "MUCKER"

Em 1872, em Ferrabraz, Sapiranga, então município de São Leopoldo, RS, distante de Campestre mais ou menos 40 quilômetros, ambos no vale do Rio dos Sinos, João Jor-

ge Maurer e sua esposa Jacobina Mentz, esta de família anabatista, segundo declara o Padre Schupp, começaram a liderar espiritualmente um grupo de Colonos. A mulher sofria de epilepsia e as pessoas, na sua simplicidade, achavam que os ataques epilépticos eram visões ou êxtases.

Predominavam na colônia, numericamente, católicos e luteranos entre os quais não há grande diferença doutrinária. Maurer e sua esposa combatiam o álcool, o jogo, os bailes e o batismo de crianças. Por esta razão, os outros colonos os chamavam de Mucker (múquer) que significa "devoto", "religioso", "beato". Note-se o que diz Petry sobre este tipo de crentes: "... em segundo lugar, não se deve esquecer de que a seita dos "mucker" não se compunha de indivíduos perversos que se associavam para satisfazer a instintos criminosos, mas de homens simples e de boa fé, que encontravam nas prédicas e exposições de Jacobina satisfação de seus anseios religiosos e viviam na convicção firme de que com isto serviam a Deus".

Os outros grupos religiosos predominantes começaram a acusar os mucker e ameaçá-los. Surgiram boatos, *diz-que-diz-que*, gozações, calúnias, etc. Um deles, por exemplo, "... Jacobina mandara matar o próprio filho, criança de peito, para que o choro desta não descobrisse o seu esconderijo, ordenando mais que, em dia determinado, se fizesse o mesmo a todas as crianças menores de cinco anos; pois, assim como o Salvador fora salvo pelo sangue de crianças recém-nascidas assim também ela devia ser salva pelo sangue das crianças de tenra idade". Os mexeriqueiros iam e vinham, levando e trazendo tudo o que viam e ouviam da maioria para as minorias e vice-versa. Os ânimos foram se exaltando de ambos os lados.

O inspetor de quartelão, o subdelegado e o delegado de polícia se envolveram precipitadamente na questão dos mucker. "Mas sobreveio a prisão de Jacobina e não houve somente prisão. Jacobina foi humilhada, desacatada e submetida a numerosos vexames, tudo em público, na presen-

ça de inúmeros curiosos e de alguns de seus mais dedicados adeptos.”

Esta atitude das autoridades para com Jacobina provocou a mais profunda dor e revolta de seus seguidores. “. . . Já não eram mais os sectários que dirigiam os acontecimentos, não era mais a religião que inspirava os atores da tragédia que se ia delineando, mas um grupo de homens até ali ordeiros e pacatos, agora ofendidos e ultrajados na pessoa que para eles tudo representava.”

Os mucker apelaram duas vezes para o Imperador mas quando os pedidos de informação sobre o assunto chegavam ao Delegado de Polícia de São Leopoldo, este dizia que tudo era mentira, invencionice.³⁴ Pelo que se conclui, os mucker pertenciam ao grupo de anabatistas belicosos e, como as autoridades não cumpriram e não fizeram cumprir a lei que garantia a liberdade de consciência e culto, por uma questão de honra, de brio, partiram para a luta armada tendo como adversários os outros grupos religiosos que atuavam conjuntamente com as forças públicas. O grupo de mucker era formado por 34 famílias. Entraram em combate nos dias 28 de junho, 19 de julho e 2 de agosto de 1874. Foram mortos 38 mucker entre homens e mulheres. Houve um total de 42 prisioneiros, senhoras, crianças e homens. Total entre os mortos e prisioneiros: 80 pessoas.

Algumas famílias mucker sobreviventes e descendentes do grupo de Sapiranga, expulsos do município de São Leopoldo, se estabeleceram na *Linha-Bastos*, Lajeado, no alto Taquari e fundaram um núcleo colonial totalmente retraído dos demais. Após o natal de 1897 apareceu misteriosamente morta certa senhora com uma veia jugular cortada dando a impressão de que o sangue fora recolhido em uma vasilha. Atribuíram o bárbaro crime aos mucker. Os colonos se reuniram secretamente e os mataram a todos incluindo mulheres e crianças na noite do ano novo de 1898 para 1899. Depois de algum tempo, o próprio marido da mulher assassinada confessou, em juízo, que era o autor do crime

para ficar com os bens materiais da esposa e casar com outra. O criminoso não era mucker.

Com base em documentos históricos sobre os mucker, chegamos a conclusão que tanto os que foram destruídos em 1874 como o remanescente chacinado em 1898, pagaram por cousas que nunca fizeram e os atos de violência que realmente praticaram, foi um revide às zombarias, às calúnias e aos ataques a mão armada que lhes eram feitos por outros grupos de fanáticos sob a proteção das forças legais ou públicas. A seguir vamos transcrever um parágrafo de Carolina Mentz, irmã de Jacobina, sobre o que foi publicado a respeito dos mucker: “Quanto à velha Carolinã conseguiu sobre o malsinado episódio em apreço, ela o caracterizou como estando eivado dos maiores erros e deturpações da verdade, sendo que o próprio livro do padre Schupp não está isento de tais, embora não se devesse duvidar da boa fé com que aquele reverendo personagem redigiu a sua obra.

“. . . Acresce que os jornais, apoderando-se do assunto, só publicavam o que por ali se propalava em desabono dos “mucker”. Tudo era recebido com avidez e crido com o maior prazer, contanto que servisse para deprimir os “sectários”, e com tanto mais gosto quanto maior fosse o disparate.”³⁵

AUTORIDADE PREOCUPADAS

A pressão dos outros grupos religiosos e das autoridades sobre os “mucker” culminando com as matanças de Sapiranga, São Leopoldo em 1874 e Picada Bastos, Lajeado na transição de 1898 para 1899, como vimos acima, ainda estavam vivas na mente do povo.

A nova religião surgida em Campestre e Rolante — o Adventismo — entre os brasileiros propriamente ditos, distinguia-se das outras existentes pela guarda do sábado, mor-

talidade da alma, maneira de realizar a Santa Ceia e o batismo por imersão, somente de pessoas que já atingiram a idade do discernimento. Por outro lado, combatiam o álcool, o fumo, o jogo e ensinavam o afastamento dos bailes. Conseqüentemente, as forças do mal através de seus representantes humanos começaram a chamar os Adventistas do Sétimo Dia de mucker, o que preocupou as pessoas bem intencionadas e as autoridades. Temiam que a questão tivesse um desfecho como em Sapiranga e Lajeado. Os desordeiros a exploravam para fazer confusão.

POLÍCIA NO BATISMO

Os três primeiros candidatos ao batismo foram Maria José Mendes de Oliveira, Saturnino Mendes de Oliveira e Maria Emília dos Passos, esta de Rolante. A cerimônia devia ser feita no Rio dos Sinos, atrás do morro do Barreiro, no Campestre. Como o ambiente estivesse muito tenso, o delegado de polícia, a pedido de José Lourenço Mendes, mandou tenente e seis soldados para manterem a ordem. Reuniram-se no local do batismo, uns 80 homens armados de revólveres e facões para matar o oficiante e espancar os batizados e demais adventistas. Sendo que a situação estava muito confusa, como medida de prudência, suspenderam a cerimônia naquela ocasião e o pastor saiu protegido pelos policiais. Passados, porém, alguns dias, o batismo foi realizado discretamente. Certa ocasião tencionavam assassinar o pastor Schwantes em um determinado lugar, mas avisado por amigos, ele seguiu por outro caminho.

A dependência da casa de José L. Mendes onde as reuniões eram realizadas, ficava a uns 15 metros da estrada pública. Os anarquistas jogavam foguetes, da estrada, para explodirem o mais próximo possível da sala de cultos.

SANGUE DE CRIANÇAS COM PÃO

Assim como em Sapiranga, São Leopoldo, inventaram que Jacobina Maurer mandou matar o filho, criança de peito, para que o choro do mesmo não revelasse o seu esconderijo e na Picada Bastos, em Lajeado, atribuíram aos “mucker” a morte de uma mulher cujo sangue teria sido recolhido em uma vasilha, também em Campestre, São Antônio da Patrulha, os adventistas foram denunciados à polícia de estarem matando as crianças para tomar o sangue das mesmas com pão. Nosso pessoal foi intimado a dar explicação sobre o assunto. Compareceram à Delegacia de Polícia, Dalila Mendes de Souza e Clara Mendes de Oliveira. Quando o delegado as interrogou, elas o olharam com olhar respeitoso mas, ao mesmo tempo, inquiridor e perguntaram-lhe: “um homem inteligente como o senhor, crê que mães normais como nós, temos coragem de fazer isto com nossos filhos?” Diante desta atitude tranqüila e respeitosa, mas ao mesmo tempo enérgica, o delegado disse às duas senhoras: “Estou satisfeito. Podem se retirar”. O governador do Rio Grande do Sul, Dr. José Augusto Borges de Medeiros, foi consultado sobre a questão ordenando que deviam respeitar a consciência religiosa do pessoal. Para isto, reforçou o policiamento do município.

CONVERSÃO DE UM VALENTE

João Ferreira do Lago Filho, vulgo João Bonito, filho do ex-carrasco anteriormente mencionado, aceitou o adventismo. Era mais valente do que o pai mas não sangüinário como ele. Frequentava todas as reuniões em companhia de sua mãe, Maria Joana do Lago.

QUERIA ENTRAR A CAVALO NA TENDA

Certa ocasião os adventistas de Campestre foram a Rolante onde o pastor Henrique Meyer estava fazendo uma série de reuniões numa tenda. Um desordeiro alcoolizado e armado, queria entrar, a cavalo, no recinto da reunião à noite. Oliveiros Mendes Rabello, Artur Azevedo e outros, pacificamente, procuravam contê-lo e convencê-lo a se retirar, mas o anarquista esporeava o animal persistindo em entrar. Assentado ao lado da mãe, João Bonito Filho assistia tranqüilamente à pregação. Percebendo o alvoroço fora, saiu com rapidez e, metendo a ponta da faca no chão, jogou terra na direção do rosto do arruaceiro e o desafiou para descer do cavalo à luta. Foi mesmo que jogar água gelada em uma panela fervendo. O perturbador retirou-se imediatamente, dirigindo-se para um baile nas redondezas onde entrou em conflito com outros indivíduos recebendo um balaço na espinha vindo a falacer. Nossa reunião continuou em paz.

INIMIGO ATACA DE OUTRO MODO

Não se dando por satisfeito em atacar o adventismo

por meio de calúnias e desordeiros, o diabo mudou a estratégia apossando-se de uma jovem senhora que, entre as confusões que aprontava, corria e dançava sobre uma cerca de pau-a-pique. Quando o pastor John Lipke chegou, o espírito mau o desafiou com as seguintes palavras: "Fulana é minha, você não a pode tirar de minhas mãos". A mulher só falava português mas conversava em alemão com o pastor. Depois de muita oração, o inimigo a deixou.

A outra vítima foi um homem. Na hora de uma reunião, um jovem senhor que estava sendo dominado pelo diabo dirigiu-se à frente com rapidez, agarrou o pregador, pastor Henrique Meyer, pela garganta e o estava estrangulando mas os oficiais da igreja intervieram tirando o endemoninhado para fora. Em seguida ele colocou-se, em pé, sobre o cavalo e o fez correr com a máxima rapidez que podia. Fazendo o animal parar repentinamente, saltou por cima da cabeça do mesmo. Somente depois de um espaço de tempo, com muita oração, o inimigo afastou-se e nosso irmão voltou à vida normal.

DEDICAÇÃO A CAUSA DE DEUS NO CAMPESTRE

Em todos os lugares e em todas as raças existem pessoas que, ao conhecerem o evangelho, passam a amar a Deus de todo o coração dedicando-Lhe trabalho e recursos materiais. Em Campestre, Dâmaso Inácio de Souza doou dez mil metros quadrados de terra e a madeira necessária à igreja cuja construção começou em 1907, terminando após cinco anos. Custou três contos de réis e foi inaugurada nos dias 16 e 17 de novembro de 1912. Além disto, em 1905, fundou em sua própria casa, uma escola primária para seus filhos, netos e vizinhos. O professor era o jovem recém-batizado Oliveiros Mendes Rabello. Ainda, ao ser consultado pelo Diretor de Colportagem de então, H. Tonjes, se permitia que o filho, Antonio Inácio de Souza, ingressasse na colportagem,



Igreja de Campestre, RS.

Dâmaso respondeu: “Necessito muito de meu filho para me ajudar nos trabalhos agrícolas mas, como é para trabalhar na Obra, pode ir”.

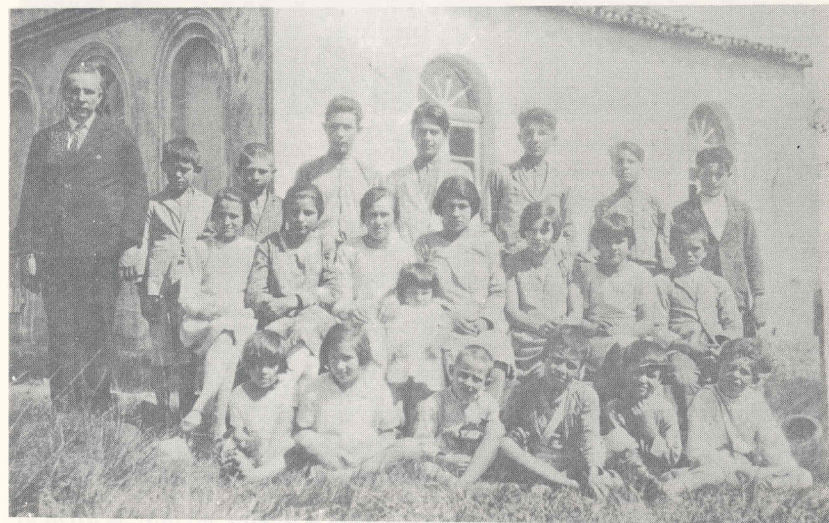
OS PIONEIROS E A EDUCAÇÃO

Os pastores pioneiros se preocupavam muito com a Educação Cristã. Insistiam em que houvesse uma escola em ca-

da igreja. Em Campestre, os pastores Waldemar Ehlers e Augusto Preuss aconselharam Saturnino Mendes de Oliveira, julho de 1909, para ir estudar em nosso colégio em Taquari, RS, a fim de ser professor paroquial. O jovem foi mas o educandário fechou no ano seguinte. Em 1913, Oliveiros Mendes Rabello que iniciou o magistério em casa de Dâmaso I. de Souza, acima mencionado, e depois fundou sua própria escola particular, passou a ser o professor paroquial no referido lugar.

CONVERSOS DEDICAM-SE À OBRA

Logo que o adventismo se estabilizou em Campestre, cinco dos conversos se dedicaram à colportagem e dois ao magistério: José Mendes de Oliveira, Manoel C. de Borba, Antônio Inácio de Souza, José Mendes Rabello e Saturnino



Prof. Oliveiros M. Rabello e os alunos da escola paroquial de Campestre, RS. O terceiro rapaz, em pé, da direita para a esquerda é o Prof. Waldemar Rabello e o sexto é João Rabello. A segunda moça sentada, da esquerda para direita é Lili Souza, esposa do Pr. Sesóstris C. de Souza.

Mendes de Oliveira. Os dois primeiros trabalharam algum tempo e voltaram às atividades anteriores; Antônio Inácio de Souza e Saturnino Mendes de Oliveira colportaram no Rio Grande do Sul sendo transferidos para São Paulo em 1912, onde continuaram com a mesma atividade. O primeiro iniciou os estudos em nosso Seminário em 1916. Num curso de colportagem realizado no colégio, perguntaram em público se havia alguém disposto a iniciar o trabalho com a página impressa em Mato Grosso. Ele aceitou o desafio. Casou-se e seguiu para Campo Grande, MT, como colporteur pioneiro. Posteriormente, dedicou-se a negócios seculares: Saturnino Mendes de Oliveira, porém, permaneceu na colportagem, em números redondos, durante 50 anos, assim distri-



O primeiro jovem, em pé, da esquerda para a direita, ao alto, é Alcindo Azevedo. O terceiro é João dos Passos e o quinto, Emílio Azevedo. O terceiro senhor, da esquerda para a direita, assentado, é Artur Azevedo, ancião da igreja; o quarto é o Prof. Roberto M. de Oliveira, da escola paro-

quial. Ao centro, assentado, está José M. Rabello, já obreiro. O primeiro menino, à esquerda, assentado na grama, é Oswaldo Azevedo e o segundo, Roberto Azevedo. O Prof. José Azevedo e as irmãs estão dispersos no grupo.



Em pé, Dâmaso Inácio de Souza que em 1905 fundou, em sua própria casa, a primeira escola particular adventista de brasileiros. Além disso, doou o terreno e a madeira para a construção da igreja. Assentado, Oliveira Mendes Rabello, o primeiro professor adventista da cepa latina. A criança que aparece ao centro é Roberto Mendes Rabello, que se tornou o primeiro orador da Voz da Profecia no Brasil.

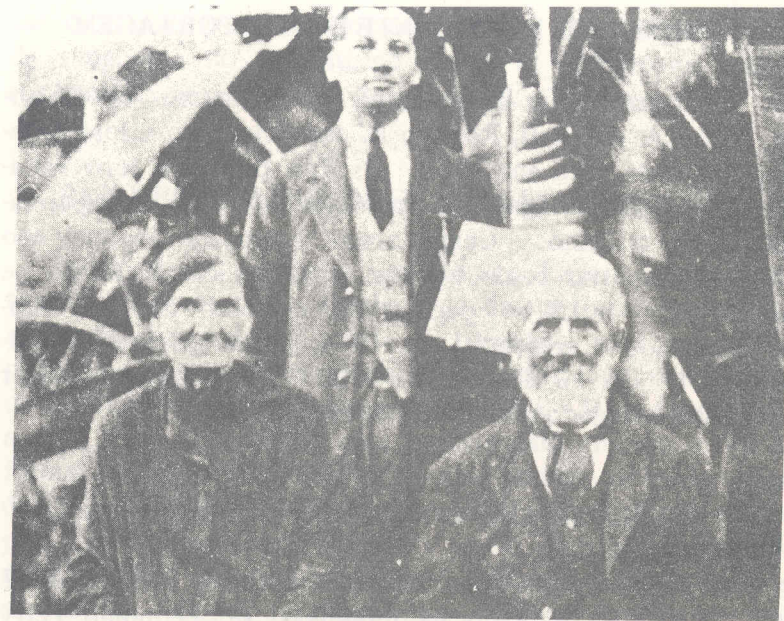
buídos: 7 como colporteur efetivo, 33 como diretor de colportagem e 10 anos como obreiro aposentado. Em outras palavras, dedicou-se à disseminação da página impressa dos 20 aos 70 anos. Em seus trabalhos e viagens, conheceu 820 cidades e vilas brasileiras; José Mendes Rabello fez o curso teológico e dedicou-se ao pastorado; Oliveiros Mendes Rabello e Roberto Mendes de Oliveira se dedicaram ao magistério como professores paroquiais pioneiros da cepa latina.

A IGREJA, OS JOVENS POBRES E A EDUCAÇÃO

Além de dar ênfase à Educação Cristã, o Espírito de Profecia coloca sobre a igreja a responsabilidade de enviar jovens aos colégios e custear as despesas dos mesmos caso sejam pobres. “. . . Quando virem na igreja pessoas que prometem tornar-se úteis obreiros, mas não se podem manter na escola, devem assumir a responsabilidade de as enviar a uma de nossas escolas missionárias. . . . As igrejas devem considerar privilégio tomar parte em custear as despesas dessas pessoas.”³⁶ Não sabemos se já conheciam essas recomendações ou se foi por intuição mas os membros da igreja de Campestre se uniram e cada um contribuiu com um pouco a fim de mandar para o colégio o jovem Roberto Mendes Rabello, filho dos conversos do local, então com 16 anos de idade, em 1925. Depois de algum tempo, foi visitar os familiares mas estava um pouco indeciso quanto à volta para o seminário por causa dos problemas financeiros. Dâmaso foi à casa do neto e, para animá-lo, deu-lhe uma quantia em dinheiro suficiente para enfrentar os principais problemas.

DEDICAÇÃO A CAUSA DE DEUS EM ROLANTE

Rodrigo Amador dos Reis, em Rolante, deu um terreno à igreja e liderou sua construção auxiliado pelos filhos, genros e seus irmãos Irineu Amador dos Reis e Bernardino Amador dos Reis. Além disto, fundou uma escola cristã (1907) para os filhos, netos e crianças dos vizinhos a qual funcionava, a princípio, em sua própria casa. Passou a escola paroquial em 1913. O primeiro professor foi Manoel Kümpel, substituído posteriormente por Roberto Mendes de Oliveira. Antes, porém, de fundar a referida escola, Rodrigo mandou o filho José Amador dos Reis estudar em Cantagalo onde Adolfo Marquart era professor.



Rodrigo Amador dos Reis, construtor da igreja de Rolante, RS.



José Amador dos Reis, primeiro pastor ordenado no Brasil.

CONVERSOS DE ROLANTE E A COLPORTAGEM

Dedicaram-se à colportagem, dos conversos de Rolante, Irineu A. dos Reis, Rodrigo A. dos Reis Filho e José Amador dos Reis, este em 1911. Os dois primeiros logo voltaram às atividades agrícolas anteriores mas o último permaneceu no trabalho. Como tivesse habilidade especial não só para colportar como também para explicar a Bíblia e pregar, convidaram-no para trabalhar como obreiro bíblico recebendo a credencial em 1914, sendo ordenado ao ministério no dia 10 de abril de 1920. Foi o primeiro pastor adventista ordenado procedente da cepa brasileira.

RELIGIOSIDADE DOS POVOS GERMÂNICOS

A página 20 do livro "O EPISÓDIO DO FERRABRAZ (OS MUCKER)", citado na referência 35, Leopoldo Petry comenta a religiosidade dos povos germânicos expressa na veneração aos Carvalhos Sagrados e a opinião ao cristianismo pregado por São Bonifácio. Depois que se converteram à nova religião, deram incondicional apoio aos papas enviando os seus jovens como soldados nas cruzadas para conquistar os lugares sagrados e, além disto, o movimento da reforma liderado por Lutero dividindo o povo alemão em dois grupos religiosos os quais lutaram entre si durante 30 anos. Ao emigrar para o Novo Mundo, o espírito religioso os acompanhou.

AVANÇO DO ADVENTISMO

Na última década do século passado apoderou-se das nossas fileiras, nos Estados Unidos, um ardor missionário especial. Homens e mulheres partiram para continentes e países desconhecidos, sem garantia de sustento, para pre-

gar o evangelho. Os representantes no Brasil deste avanço da vanguarda do Adventismo foram os colportores pioneiros Stauffer, os dois irmãos Berger, Brack e Thurston.

PAIS DESEJAM QUE OS FILHOS SEJAM OBREIROS

Os pastores pioneiros, Graf, Spies, Lipke, Ehlers, e outros enfatizavam tanto a existência de uma escola paroquial em cada congregação, grande ou pequena, para inculcar os princípios cristãos e os ideais missionários nas crianças, que os membros da igreja ficaram contagiados. Meus pais davam, a cada filho que nascia, uma bezerra para procriar a fim de formar um suporte financeiro no qual pudesse se apoiar quando chegasse a idade de ir para o colégio. Por falta de espaço para criar animais, esta iniciativa serviu mais como estímulo do que apoio material. Éramos 6 irmãos e 3 irmãs em nossa família. Como resultado disto, exceto duas moças que se casaram bastante novas, todos fomos estudar no Instituto Adventista Cruzeiro do Sul e Instituto Adventista de Ensino. Em Rolante, Artur Azevedo considerava um compromisso espiritual mandar os filhos para nossos colégios a fim de serem obreiros. Tinha 5 filhos e 5 filhas. Todos estudaram em nossos educandários em Taquara, RS e Santo Amaro, São Paulo. Pessoas de outros locais também pensavam do mesmo jeito. Em consequência desta catequese inicial, o Rio Grande do Sul tem contribuído com um bom número de obreiros à Obra.³⁷

NECESSIDADE DE UM COLÉGIO

A existência de igrejas e grupos alemães de Mucuri e Teófilo Otoni, norte de Minas Gerais, ao Rio Grande do Sul a partir de 1895, o contato do Pastor Ernesto Schwantes, 1904, com José Lourenço Mendes do qual surgiram as igre-

jas de Campestre e Rolante cujos membros eram todos de procedência latina, o funcionamento de uma escola paroquial em cada congregação, grande ou pequena, para inculcar nas crianças os princípios cristãos e os ideais missionários, a mudança da Casa Publicadora para São Paulo, 1907, em condições de fornecer a necessária literatura e a publicação do “Arauto da Verdade” em português, 1900, criaram condições para a pregação do Adventismo de Leste e Oeste e de Norte a Sul do vasto território nacional. Falta, porém, um colégio — o cérebro — que preparasse o pessoal para todos os setores da Obra.

BOEHM INDICADO PARA CONSTRUIR O COLÉGIO

No início de 1913, como veremos, o pastor John Henrique Boehm chegou no porto de Santos para trabalhar entre os imigrantes alemães do Brasil. Sua primeira experiência foi na “COLÔNIA CAMPOS SALES”, Campinas, São Paulo, 1913 e em 1914 transferiram-no para Nova Europa, no mesmo Estado. Como presidente da então Missão Paulista, o pastor Lipke teve oportunidade de conhecer a habilidade do missionário em construção e quaisquer tipos de trabalhos agropecuários. Quando a Conferência União Brasileira tomou a decisão de fundar o colégio, chamaram-no para executar o projeto.

REFERÊNCIAS

1. Otávio Tarquino de Souza, *História dos Fundadores do Império do Brasil*, (Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1960), vol. II, pp. 90 a 106.

2. Pedro Brasil Bandecchi, *História do Brasil*, Terceira Edição Revisita, São Paulo: Editora Didática Irradiante S.A.), pp. 110 a 114 e 235 a 237.
3. *Op. Cit.* pp. 230 a 233.
4. Sérgio Buarque de Hollanda, *História da Civilização Brasileira*, terceira edição (São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1973) vol. II, pp. 145 a 149; Idem vol. V, pp. 149, 220 a 244.
5. E. H. Meyer, *Reseña de los Comienzos de la Obra en Sudamérica* (Buenos Aires, Argentina: Casa Editora Sudamericana, 1923 a 1927) pp. 4 e 5.

NOTA: Para fundamentar devidamente o que estou escrevendo, sendo que existem versões diferentes sobre a penetração do adventismo em Gaspar Alto, então distrito de Brusque, Santa Catarina, tomei por base o trabalho do pastor Meyers, acima mencionado, Secretário do Departamento de Publicações da Divisão Sul-Americana de 1923 a 1927, por ser o documento mais antigo e completo que encontramos sobre o assunto.

O autor do trabalho em apreço, homem equilibrado e pesquisador, pelo que se conclui, foi a Gaspar Alto e, além de ouvir os membros da igreja local batizados a começar com 1895, entrevistou o sr. Adolfo Hort que estava com 8 a 10 anos de idade quando viu seu pai abrir, na sua própria bodega em 1884, o pacote de revistas de Dreefke. Por ocasião da entrevista com o pastor Meyers, Adolfo Hort deveria estar com uns 50 anos de idade e o pessoal que começou a guardar o sábado em 1890, batizado em 1895, ainda deveria estar, na sua maioria, todo vivo.

6. *Ibid.*
7. *Op. Cit.* p. 29.
8. *Op. Cit.* p. 9 e 10.
9. *Enciclopédia Adventista do Sétimo Dia*, edição revisada (Washington, DC: Review and Herald Publishing Association, 1976) vol. 10, p. 184,

NOTA: Sobre o início da colportagem no Brasil, o pastor Meyers declara o seguinte à página 10 da obra citada: "O irmão Stauffer continuou trabalhando no norte da Argentina e Uruguai e em maio de 1893 iniciou a obra no Brasil entrando primeiro na parte sul do país. . . ." Isto nos faz concluir que Stauffer colportou algum tempo entre os imigrantes alemães do Rio Grande do Sul em 1893 seguindo ainda, no mesmo ano, para São Paulo onde visitou os núcleos teutos e depois dirigiu-se para o Rio de Janeiro que se tornou o centro do adventismo no Brasil por algum tempo com a chegada da Thurston em 1894.

Deveriam existir alemães na Argentina e Uruguai que certamente tinham conhecidos teutos e parentes no Rio Grande do Sul e como os colportores exploram isto, é possível que Stauffer até trouxesse apresentações daqueles para estes. O pastor Meyers deve ter tomado informações pessoais com Nowlen, Snyder e Stauffer sobre o assunto.

No que tange à vinda dos colportores E. W. Snyder, C. A. Nowlen e Lionel Brooking colportor no Brasil como afirma a nossa Enciclopédia Adventista à página 184, a única confirmação que encontramos é que Snyder ganhou Alberto Bachmeier para o adventismo numa casa de marinheiros (lugar supervisionado pelos padres, onde os marujos passavam o tempo) no Rio de Janeiro e o iniciou na colportagem ainda antes de ser batizado. Talvez viessem apenas passear ou não se ambientassem em nosso país ou, por qualquer outra razão, voltassem para Buenos Aires.

Segundo informações do pastor Meyers à página 10 da obra citada, em 1893 C. A. Nowlen estava colportando no sul da Argentina chegando ao estreito de Magalhães, passando à ilhas Falkland (Malvinas) penetrando posteriormente no Chile, 1894, e Snyder permaneceu 13 anos no Rio da Prata sendo também o primeiro colportor a entrar no Paraguai. Além disto, pode ser considerado o primeiro Secretário Missionário da América do Sul. C. Mervyn Maxwell também comenta este assunto parcialmente em História do Adventismo, primeira edição, 1982, páginas 187 e 188.

10. Bandecchi, *op. cit.* p. 232; Joaquim Silva, *História do Brasil*, 31ª edição, quarta série Ginásial (São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958) pp. 232 e 233.
11. Sra. Edith Berger, neta do pastor Ernesto Schwantes. Entrevista pessoal em dezembro de 1987; "Enciclopédia Adventista", *op. cit.* 184.
12. *Op. cit.* p. 185.

NOTA: Este é, como já foi mencionado, o único trabalho de Snyder no Brasil. Sobre Nowlen e Brooking, não encontramos nada. A *História de Nossa Igreja*, edição de 1965, à página 308, diz que Stauffer ganhou Bachmeier para o adventismo.

13. Meyers, *op. cit.*, p. 12; "Enciclopédia Adventista", *op. cit.* p. 185.

NOTA: Pelo que se conclui, a atuação de Thurston no Brasil foi mais no setor de literatura e financeiro pois na ata de fundação da escola paroquial de Gaspar Alto, Santa Catarina, *Revista Adventista* de setembro de 1944, página 23, Graf é mencionado como Superintendente do Campo Missionário.

14. Guilherme Stein começou a guardar o sábado pelas conclusões tiradas mediante o estudo da Bíblia. Conseguiu, depois, dos parentes de sua esposa, um *Conflito dos Séculos*, em alemão, cuja leitura exerceu grande influência em sua vida. Batizou-se em abril de 1895. segundo informações do Dr. Rui Carlos de Camargo Vieira, "Traços Biográficos de Guilherme Stein Jr." (Núcleo de Pesquisas Guilherme Stein Jr.), cedido ao Centro Nacional da Memória Adventista do Instituto Adventista de Ensino, São Paulo.
15. Meyers, *op. cit.* p. 5 "Enciclopédia Adventista", *Op. cit.* p. 185.
16. *Enciclopédia Adventista*, *Op. cit.*, p. 185; Gustavo S. Storch, *Venturas e Aventuras de um Pioneiro* (Santo André, São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1982) pp. 11 a 14.
17. Meyers, *Op. cit.* pp. 10 e 13; *Enciclopédia Adventista*, *op. cit.*, p. 186.
18. Meyers, *Op. cit.*, p. 13.
19. Dr. Rui Carlos de Camargo Vieira, "Traços Biográficos de Guilherme Stein Jr." (Núcleo de Pesquisas Guilherme Stein Jr.), cedido ao Centro Nacional da Memória Adventista, Instituto Adventista de Ensino, São Paulo, Meyers, *op. cit.*, p. 5.
20. *Seventh-day Adventist Bible Dictionary*, (Washington DC: Review and Herald Publishing Association, 1976), sobre igreja. William Spicer, "Our Story of Missions for Colleges and Academies", (Moun-

tain View, California: Pacific Press Publishing Association, 1921), pp. 265 e 266. E. H. Meyers, "Reseña de los Comienzos de la Obra en Sudamérica", (Buenos Aires, Argentina: Casa Editora Sudamericana, 1923 a 1927), pp. 1 a 5, 28 e 29. Francis H. Westphal, "Pioneering in the Neglected Continent", Nashville, Tennessee, Southern Publishing Association, 1927, pp. 34, 37. Prof. Domingos Peixoto, "História das Missões e Denominacional", (São Paulo: Imprensa Metodista, 1937), pp. 306 a 309. *História de Nossa Igreja* (Santo André—São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1965), pp. 306 a 327. João Bork, "Técnicas de Pesquisas e Composição de Monografias e Teses," (São Paulo: Instituto Adventista de Ensino, 1970), pp. 18 e 19. *Manual da Igreja*, (Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1986), pp. 203, 62, 63.

NOTA: O fato de *Pioneering in the Neglected Continent*, de Francis H. Westphal ter sido editado em 1927 confirma que as informações de Meyers são originais e merecedoras de todo o crédito. Ele faz referência ao livro de Spicer mas ao de Westphal, não.

21. *Seventh-day Adventist Encyclopedia*, Revised Edition, (Washington, DC: Review and Herald Publishing Association, 1976), p. 185. Gustavo Storch, "Venturas e Aventuras de um Pioneiro", (Santo André, São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1982), pp. 11 a 14. Spicer, *Op. Cit.*, pp. 265, 266. Dr. Guilherme Denz, São Paulo, (setembro de 1985), entrevista pessoal.
22. JOÃO LIPKE, *O Arauto da Verdade* (maio de 1903), pp. 69, 73, 77; *Enciclopédia Adventista*, *op. cit.*, p. 189.
23. *Enciclopédia Adventista*, *op. cit.*, p. 186; Dr. Gideon de Oliveira, "João Lipke, Pioneiro da Obra Educacional no Brasil", "O Adeceano" (IV Centenário da Fundação de São Paulo, 1954) pp. 11, 12, 65.
24. *Enciclopédia Adventista*, *op. cit.*, pp. 185 e 189; Meyers, *op. cit.*, pp. 10 e 28; J. L. Browns, "Gaspar Alto, Taquari e Capão Redondo", *Revista Adventista*, (novembro de 1935), p. 6; Ester Schirmer, questionário respondido em julho de 1988; Dr. Rui Carlos de Camargo Vieira, Traços Biográficos de Guilherme Stein Jr. (Núcleo de Pesquisas Guilherme Stein Jr., março de 1989) cedido ao Centro Nacional da Memória Adventista do Instituto Adventista de Ensino.

NOTA: Existem três versões em nossa literatura denominacional brasileira sobre o início da escola de Gaspar Alto, então distrito de Brusque, Santa Catarina: 1) A primeira encontramos na ata da sua fundação citada pelo Dr. Renato Oberg à página 23 da *Revista Adventista* de setembro de 1943 declarando que no dia 15 de outubro de 1897 os líderes da igreja local, entre os quais estava Guilherme Stein, a convite, se reuniram em casa do irmão Augusto Olm sob a presidência do Pastor Graf, Superintendente do Campo Missionário, e votaram fundar a escola paroquial. Este é o documento mais antigo; 2) O pastor Meyers, à página 28, item 15, do trabalho citado na referência 5, afirma que o estabelecimento de ensino começou a funcionar em 1900, tendo como diretor John Lipke. Esta declaração foi feita entre 1923 e 1927; 3) O Pastor J. L. Brown diz que o estabelecimento de ensino acima mencionado iniciou em 1899, tendo John Lipke à testa.

Qual das três versões é a certa, a da ata da fundação, a do pastor Meyers, a do pastor Brown ou todas são verdadeiras necessitando apenas de que as compreendamos? Todas estão certas, analisemô-las:

Na histórica reunião em casa de Augusto Olm no dia 15 de outubro de 1897 "... Surgiu a pergunta se a escola deveria ser particular ou da igreja. O irmão Graf propôs que fosse uma escola da igreja, o que foi aceito unanimemente ... Depois disto, tratou-se da eleição de uma junta escolar. ..." Note-se ainda uma declaração de Guilherme Stein quando estava lecionando em Curitiba, 1897, e, por questão de saúde, queria voltar para São Paulo: "... Mas o irmão Graf foi de parecer que seria melhor ir fundar uma escola paroquial em Brusque (Gaspar Alto), Santa Catarina. ..." Pelo que vimos acima, conclui-se que no célebre encontro trataram apenas da fundação da escola paroquial de Gaspar Alto cujas aulas iniciaram em 1898 sob a direção de Guilherme Stein, sucedido em 1899 pela Professora Brack.

Meyers afirma na página 28, item 15, da sua obra, que a primeira escola do Brasil "... Começou em 1900 sendo seu diretor John Lipke". À página 10, pôs uma fotografia do pastor Lipke e os alunos de Gaspar Alto com a seguinte legenda: "O princípio de nosso Colégio Superior do Brasil. Na frente do grupo e com o livro na mão, está John Lipke (hoje Dr. Lipke) o primeiro diretor". Isto deixa claro que Meyers não está se referindo à escola paroquial de Gaspar Alto fundada em 1897 cujas aulas iniciaram em 1898 mas ao nascimento do Colégio Superior que depois de dois estágios e uma pausa ressurgiu com o nome de Seminário Adventista e transformou-se no atual Instituto Adventista de Ensino.

Quanto à afirmação do pastor Brown, como naquela época ainda não havia ano letivo e férias definidos por lei, é possível que houvesse, como aconteceu no Seminário Adventista em 1915, algum tempo de aula introdutória em 1899 e ele o considerou como o início do Colégio Superior. Se isto não aconteceu, ele tomou como ponto de partida o ano (1899) em que foram feitos planos e arranjos para o funcionamento da referida Escola Superior em 1900. Note-se ainda que Brown se expressou desta maneira: "... Tendo à testa John Lipke..." Como já mencionamos, em 1898 o professor foi Guilherme Stein e em 1899, a Professora Brack.

25. *Ibid.*

26. *Ibid.*

27. Como explicar a abertura da escola em 19 de agosto de 1903 sendo que a chácara onde ela estava instalada foi escriturada em 23 de agosto de 1904? Teriam os administradores de então estabelecido o colégio em uma propriedade alheia ou há engano com as datas mencionadas?

A escritura realmente foi passada em 23-08-1904 (ver apêndice) e um artigo do Pastor Lipke em "O Arauto da Verdade", dezembro de 1906, página 190, confirma que o colégio realmente foi aberto em 19-08-1903. À luz dos documentos acima citados, conclui-se que a chácara foi comprada, mediante contrato, o mais tardar, no princípio do primeiro semestre de 1903, pois foram feitas reformas e adaptações na grande casa antes do início das aulas. A escritura definitiva, porém, foi passada na data acima mencionada.

28. F. W. Spies, "A Conferência Geral em Washington". *Revista Mensal* (agosto de 1909), p. 3; E. C. Ehlers "A Conferência do Estado do Rio Grande do Sul". *op. cit.*, (março de 1910), p. 2; A. Pages "Diversas", *op. cit.*, (janeiro de 1911), pp. 4 e 6; *Enciclopédia Adventista*, *op. cit.*, p. 189.

29. Meyers, *op. cit.*, pp. 18 a 22; *Enciclopédia Adventista*, *op. cit.*, p. 189 Arnaldo B. Christianini, Casa Publicadora Brasileira é História, Suplemento da *Revista Adventista* (julho de 1975), pp. 8 a 15.

30. Prof. Alberto R. Timm, "Campos dos Quevedos, Comemoração do 80º Aniversário.", *Revista Adventista* (dezembro de 1985), pp. 18 e 19.

31. John Lipke "Rio Grande do Sul", *Revista Mensal*, (outubro de 1908), p. 7; Max Rohde, Notas de Viagem, *op. cit.*, (março de 1917), pp. 10 e 11.

32. John Lipke, "Rio Grande do Sul", *op. cit.*, (outubro de 1908), pp. 7 e 8.

33. O que estamos relatando sobre a transição do adventismo da colônia alemã para os brasileiros de descendência latina, procede do seguinte:

a) O falecido Pastor José Rodrigues dos Passos estava projetando escrever a história da igreja de Rolante, então Santo Antônio da Patrulha, Rio Grande do Sul e, a fim de colher informações sobre a penetração do adventismo em Campestre, no mesmo município, mandou uma carta ao Professor Roberto Mendes de Oliveira e outra para Saturnino Mendes de Oliveira que eram adolescentes e estavam juntos com os pais quando o comerciante José Lourenço Mendes apresentou, 1904, o pastor Ernesto Schwantes à família. Parte do que comentamos, foi tirado do referido projeto e citado com permissão da Professora Helena Passos Wichert, da Faculdade de Educação do Instituto Adventista de Ensino e filha do autor.

b) John Lipke "Rio Grande do Sul" *Revista Mensal* (outubro de 1908), p. 7 e 8 W. Ehlers, "Rio Grande do Sul" *op. cit.*, (julho de 1911) pp. 6 e 7. Saturnino Mendes de Oliveira, "São Paulo" *op. cit.*, (junho e julho de 1912), p. 14.

c) Em janeiro de 1987 entrevistamos, em Rolante, Ernestina Mendes Rabello, 89 anos, e, no Campestre, Eulina Mendes da Rosa, 87 anos. Entrevistamos, também, Jerônima de Oliveira, 90 anos, em 21-06-1988.

d) *Em meu lar ouvi, muitas vezes, meus pais contarem o que mencionei acima.*

34. H. H. Muirhead, o *Cristianismo Através dos Séculos*, 2ª edição (Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista), vol. II, pp. 182 a 232.
35. Leopoldo Petry, "O Episódio do Ferrabraz" (Casa Editora Rotermond e Co., São Leopoldo, RS), pp. 12 a 14, 25 a 29, 41, 158 a 164; Entrevista com Antônio Ribeiro, 90 anos, em janeiro de 1987.
36. White, *Conselhos a Professores, Pais e Estudantes*, pp. 62 e 63, 364 e 365.
37. Rever a referência 35.

RESUMO CRONOLÓGICO ASCENDENTE DO DESENVOLVIMENTO DA OBRA ADVENTISTA NO BRASIL ATÉ 1913

- 1824 — Inicia a imigração alemã orientada para o Brasil.
- 1884 — Dreefke recebe o primeiro pacote de revistas em Brusque, Santa Catarina.
- 1890 — Surgem os primeiros observadores do sábado em Gaspar Alto, então distrito de Brusque, Santa Catarina.
- 1893 — Alberto Stauffer inicia a colportagem no Brasil começando pelo sul.
- 1894 — a) Colportando em Brusque - SC — Alberto Bachmeier encontra observadores do sábado tanto da cidade como de Gaspar Alto, na zona rural.
b) Thurston chega com dois caixotes de livros no Rio de Janeiro.
- 1895 — a) Em fevereiro, F. Westphal chega ao Rio de Janeiro e, acompanhado por Alberto Stauffer, inicia uma viagem realizando batismos em vários locais terminando com a cerimônia batismal de Gaspar Alto em 11 de junho seguinte.
b) No mês de julho os irmãos Berger chegam ao Brasil para iniciar a colportagem.
c) Pastor Graf chega ao Brasil em agosto e, em dezembro seguinte, realiza o batismo em Santa Maria do Jetibá, Espírito Santo.
- 1896 — a) Pastor Spies chega ao Brasil e batiza 19 pessoas em Teófilo Otoni, Minas Gerais.
b) Em julho começa a funcionar o "Colégio Internacional de Curitiba" — Paraná, a primeira escola particular adventista.
- 1898 — Começa a funcionar a escola paroquial de Gaspar Alto, então distrito de Brusque, Santa Catarina, sob a direção de Guilherme Stein.

- 1899 — A escola paroquial de Gaspar Alto funciona sob a direção da Profa. Brack, esposa do colportor Augusto Brack.
- 1900 — a) Além da escola paroquial já existente em Gaspar Alto, começa a funcionar também o “Curso Superior” sob a direção do Pastor Lipke.
b) Começa a ser publicada a revista “O Arauto da Verdade” em português mas ainda em tipografia secular.
- 1903 — Fecha o “Colégio Superior” de Gaspar Alto, Santa Catarina, e abre em Taquari, Rio Grande do Sul, no mês de agosto. A escola paroquial da igreja de Gaspar Alto, entretanto, continuou e ainda continua funcionando.
- 1904 — a) O Pastor Ernesto Schwantes visita em Santo Antônio da Patrulha, Rio Grande do Sul, o comerciante José Lourenço Mendes surgindo, conseqüentemente, as igrejas de Campestre e Rolante cujos membros eram todos brasileiros propriamente ditos.
b) Pastor Lipke consegue, nos Estados Unidos, a doação de um prelo para o Brasil.
c) O nome jurídico da Obra em 1904 quando foi escriturada a propriedade para o colégio em Taquari, RS, era: “Sociedade Escolar dos Adventistas do Sétimo Dia”.
- 1905 — a) O prelo é montado numa dependência da casa do colégio em Taquari, RS, representando, conseqüentemente, o início da nossa atual Casa Publicadora Brasileira.
b) Em Campestre, RS, Dâmaso Inácio de Souza funda, em sua própria casa, a primeira escola particular adventista de brasileiros dirigida por Oliveiros Mendes Rabello, o primeiro professor adventista da cepa latina.
- 1907 — a) Rodrigo Amador dos Reis funda, na sua própria casa, em Rolante, RS, a segunda escola particular Adventista de brasileiros. O professor era Manoel Kümpel seguido por Roberto Mendes de Oliveira, o segundo professor da cepa latina.
b) A Casa Publicadora Brasileira é transferida de Taquari, RS, para São Bernardo do Campo, São Paulo.

- 1910 — a) É fechado o colégio de Taquari, Rio Grande do Sul.
b) Saturnino Mendes de Oliveira, da igreja de Campestre, ingressa na colportagem na qual trabalhou dos 20 aos 70 anos.
- 1911 — a) José Amador dos Reis, da igreja de Rolante, ingressa na colportagem passando depois à obra bíblica na qual foi ordenado ao ministério.
b) A propriedade do colégio em Taquari é vendida por onze contos de réis e esta importância foi doada à Conferência União-Brasileira para formar o “Grande Fundo de Educação”.
- 1912 — É inaugurada em Campestre, RS, a primeira igreja exclusivamente de brasileiros.
- 1913 — Fundadas as escolas paroquiais de Campestre e Rolante, RS, cujos professores eram, respectivamente, Oliveiros Mendes Rabello e Roberto Mendes de Oliveira.

FILIAÇÃO E NACIONALIDADE DE JOHN

Movido pelo desejo natural que todo ser humano tem de possuir bens materiais, na penúltima década do século passado, Henry e Mary Boehm, um jovem casal alemão, emigrou de seu país em busca de melhores dias na colonização que o governo russo estava fazendo nas férteis terras de Saratov, na planície do Volga, fixando residência em Kutter, Rússia, onde nasceu John H. Boehm em 1º de fevereiro de 1884. Sabedor, porém, que estavam oferecendo casa e terra no povoado de Kansas — região central dos Estados Unidos — o casal resolveu, quando o filho estava com 7 anos de idade, emigrar para esse país onde chegou com 3 dólares no bolso e dedicou-se à agricultura com vistas especialmente ao plantio de trigo.

A FAMÍLIA DE JOHN

A família de John compunha-se de 6 pessoas: os dois genitores e, na ordem cronológica do nascimento, Lizzie, John, Marie e Charlotte. A primeira dedicou-se a trabalhos domésticos e as duas últimas estudaram e se tornaram doutoras em medicina. Seus pais eram equilibrados, compreen-

sivos e amigos dos filhos.

Tinham poucos regulamentos no lar mas exigiam, sem mudar a tonalidade da voz, que fossem devidamente respeitados. Proviam-lhes os necessários entretenimentos e mantinham-nos ocupados nos mais variados tipos de trabalhos de uma fazenda. Diariamente faziam os cultos domésticos matutino e vespertino com as crianças e, além disto, frequentavam a todas as reuniões da Igreja Adventista local.¹

JOHN ADOECE

Quando John era pequeno foi atacado de tifo e a terrível febre o colocou entre a vida e a morte durante muitos dias. O médico que o atendia proibiu dar-lhe água.

A mãe, mulher consagrada e de fé robusta, orava constantemente pedindo clemência para o filho. Certo dia o menino estava numa agonia tão grande que sua genitora achou que ele viveria poucos instantes. Ajoelhando-se ao lado da cama do moribundo, rogou ao Senhor que o curasse, ouvindo, em seguida, uma voz que lhe disse: “Dá água à criança”. Ela o fez imediatamente. O garoto começou a melhorar e dentro de alguns dias voltou à vida normal da família. Agradecida, ela o dedicou ao trabalho de Deus.²

A ESCOLA COOPERANDO COM O LAR

Como John fosse filho único do sexo masculino, fazia os trabalhos domésticos, os deveres escolares e brincava sempre com as irmãs. Viviam em perfeita harmonia e frequentavam juntos a escola da igreja local.

A professora de John, além de inculcar os princípios cristãos nos alunos, estimulava-os a serem missionários nos Estados Unidos ou em outros lugares empregando, para conseguir seus objetivos, os mais variados métodos. Um deles

consistia em colocar o Mapa-Múndi diante da classe e prender, na parte correspondente ao lugar em que eles moravam nos Estados Unidos, tantos cordões dourados quantas fossem as crianças matriculadas na escola. Em seguida o aluno escolhia uma nação pela qual devia orar diariamente para ser receptiva ao evangelho e onde ele fosse trabalhar como missionário quando ficasse adulto. Depois disto, seu nome era escrito em um cartão, amarrado à ponta de um dos fios e preso ao país escolhido pelo aluno. John, como gostava de cousas difíceis, escolheu a China e Augusta Schneider, sua colega e futura esposa, optou pelo Brasil.³

JOHN COM O PAI NA FAZENDA

A medida que John ia crescendo, acompanhava o pai em todos os trabalhos da fazenda: estocar no paiol ração para o gado, tratá-lo nos dias frios e chuvosos, ordenar as vacas, recolher estrume para curtir como adubo, arar a terra, plantar cereais, cultivar árvores frutíferas e verduras, criar ovelhas, aves domésticas e abelhas, construir estábulos, apiários, galinheiros, etc. Apreciava tudo mas, o que o empolgava de modo especial era a domaçaõ de cavalos e burros chucros.

A COMPRA DE UMA PARELHA DE POTROS

Assim como em nossos dias um jovem providente deseja trabalhar a fim de comprar um automóvel zero quilômetro com seu próprio dinheiro, também naquela época os moços desejavam possuir seus próprios cavalos e uma boa carroça. Para conseguir isto, além de ajudar o pai, John plantou uma lavoura de trigo para si, colheu-o, vendeu-o e guardou o dinheiro. Quando havia ajuntado o necessário, comprou dois lindos potros chucros, isto é, cavalos novos até

4 anos, e uma carroça.

A DOMAÇÃO DOS POTROS

Após laçar o potro, John colocava-lhe o bocal, amarrava-o num tronco, maneava-o, prendia-lhe, com um tento de couro, um par de rédeas no maxilar inferior, encilhava-o com um socado, isto é, um lombilho de cabaça mais baixa e larga do que os arreios comuns para o domador prender as pernas, apertava devidamente a cincha, pondo-lhe também o rabicho e o peitoral. Estas cousas deviam ser feitas com muito cuidado, porque alguns cavalos chucros mordem e com as patas traseiras dão violentos coices e manotaços com as dianteiras.

Quando estava tudo pronto, uma pessoa forte segurava o animal pelas duas orelhas, o domador montava e, em



Cavalo corcoveando com o domador montado.